

REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO COMO FATOR DE COMBATE AO DESEMPREGO

Antônio Mazzuca*

A redução da jornada de trabalho, como fator de combate ao desemprego, tem precedente na França, do Presidente Jacques Chirac, onde a ordem é o homem como ponto primordial na sociedade, com a economia a seu serviço e não o homem a serviço da economia. O Presidente da França, fiel ao entendimento de colocar a economia a serviço do homem, implantou, no país, a redução da jornada de trabalho para abrir novos empregos. Essa redução da jornada de trabalho não aconteceu de modo fácil, não aconteceu com poucas críticas. As críticas foram muitas e notável parcela de empresários opôs resistência à proposta, preocupados com o novo tempo de trabalho, com a redução da produção, com o custo final do produto ou do serviço.

Mas todas essas barreiras foram vencidas, com o governo legislando a respeito da redução e ajudando a indústria e o comércio a se adaptarem aos novos tempos. O desemprego, problema social relevante, de responsabilidade do Estado, precisava ser resolvido de uma forma ou de outra. E o foi, ao que se sabe, com a imposição de uma jornada de trabalho de 33 horas semanais. E outros países também procuravam resolver o problema do desemprego. Procuravam resolver esse drama de forma diferente do que aconteceu na França, é verdade, mas buscavam soluções, como aconteceu no Japão.

No Japão, onde há a garantia de emprego, o governo injetou dinheiro como aplicação, dando vales ao povo no valor de duzentos dólares para cada pessoa, para que comprassem mais, tendo como finalidade a aceleração da economia, adotando-se a política de gastar um pouco antes, para não ter que gastar muito mais logo depois.

É o investimento implementando o comércio, para acelerar a produção na indústria.

Tudo isso está acontecendo desde o ano de 1998. Hoje, os bons resultados colhidos são conhecidos e aplaudidos pelos países que se quedaram inertes. Não perceberam, não ouviram, não sentiram, não procuraram soluções para esse problema que incomoda a consciência de todos nós.

Mas há esperanças de haver soluções iguais ou melhores, do lado de cá do mundo.

A redução da jornada deu certo na abertura de novos empregos na França. O Brasil já devia ter caminhado para soluções iguais ou melhores. Para tanto é importante que fiquemos espertos e atentos para tudo o que acontece no mundo. Principalmente espertos e atentos para os avanços tecnológicos. Com eles o mundo ficou bem menor e por isso muito mais competitivo. É óbvio que quem tem mais para oferecer no mercado de venda, vende mais. Quem dispõe de tecnologia mais avançada, compete melhor. Os que não dispõem de nada disso, se desesperam no comércio mundial. Têm pouco para vender e ainda sofrem a concorrência de preços com os países de técnicas mais refinadas. Perdem o mercado.

* Juiz Togado do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região e Professor de Direito do Trabalho, Processo do Trabalho e Prática Jurídica, nas Faculdades Metropolitanas Unidas-FMU.

O que sobra é a quebradeira das indústrias que não têm condições de competir e o resultado é a massa obreira desempregada. E nunca é demais lembrar que o desemprego é um flagelo que desajusta a família, embaraça a sociedade, adoce a pessoa. Ele cria no ser humano a doença da ansiedade, a tensão, a depressão, o pânico, a dependência da nicotina e do álcool. Essa situação deletéria, além de trazer esses transtornos aos que não têm emprego, atinge, também, os que ainda têm trabalho, tendo em vista a incerteza da sua manutenção, no dia seguinte.

Vejam, porém, que agora há uma luz querendo acender no fim do túnel, renovando esperanças.

Quando Presidente da República, o Doutor Fernando Henrique Cardoso, em Hannover, na Alemanha, em palpitante pronunciamento à imprensa, alertou para os riscos da globalização e chamou a atenção para o fundamentalismo do mercado, onde se procura buscar apenas a interdependência econômica e financeira. Além de alertar para o risco do crescimento do contingente dos excluídos, disse da necessidade de uma sociedade global que se oriente por um humanismo renovado, defendendo a tese de que os avanços tecnológicos não são suficientes para que o mundo se torne melhor. Lançou a idéia de uma nova arquitetura sócio-internacional. O seu pronunciamento foi dado junto a outros treze chefes de Estado, no encontro chamado "Governança Progressiva para o Século 21". Foi um encontro para discutir as formas de redução da pobreza no mundo. Há os que falam que essa proposta seria uma reedição ampliada da chamada 3ª Via, do Primeiro Ministro da Inglaterra, o socialista Tony Blair, e não afastam a esperança de se encontrar uma solução que realmente ajude a minorar o sofrimento no mundo.

É importante discutir os riscos da globalização, o fundamentalismo do mercado, o crescimento do contingente dos excluídos, a orientação para um humanismo renovado, uma vez que os avanços tecnológicos não são suficientes para tornar o mundo melhor e a intenção de reduzir a pobreza no mundo.

Tudo isso nos traz a alegria própria da esperança. Vamos torcer para que não fique só nas intenções e para que não sejam só palavras tiradas de um ótimo discurso de viagem.

Impressionado com a diminuição da taxa de desemprego na França, o então Presidente propôs que se adote aqui a solução encontrada naquele país, com a redução das horas de trabalho semanal, propiciando a abertura de inúmeros outros empregos. Sugere que essa prática deve ser inserida no Brasil através de acordos e convenções coletivas, discutidas entre os sindicatos das categorias de empregados e de empregadores. Sugere a negociação, sem a interferência do governo.

É certo que, se houver a diminuição da jornada de trabalho, alguns milhões de novos empregos surgirão. A questão proposta é a de se saber se essa alteração de horas de jornada deve ser implantada por lei, ou através da negociação direta entre as partes. A solução mais rápida que se vislumbra é aquela que é dada pela legislação, como aconteceu na França. Nesse país o governo legislou a respeito, e deu incentivo às indústrias. As horas de trabalho diminuíram e muitos novos empregos surgiram. Aqui, no Brasil, se adotarmos a solução pela autocomposição, as negociações poderão se arrastar, as posições das partes poderão eclodir em greves de reivindicações, pela teimosia em ceder. O modelo francês deveria ser seguido por inteiro, com a lei impondo a redução e a ajuda às empresas. Se é para se adotar o modelo que deu certo na França, por que fazê-lo de modo diferente, aqui no Brasil?

Ocorre que no Brasil há outros problemas tão ou mais sérios, que contribuem para a redução de empregos. Há, por exemplo, o uso indiscriminado das horas extraordinárias, a chamada hora esticada. Essa cultura de se fazer exagerado número de horas extras, tão comum nos mercados de trabalho e imensamente castradora de novos empregos, é usada por todos, o tempo todo, todo o tempo e a qualquer tempo.

É sabido que a economia vem se aquecendo e são as horas extras que suportam esse aquecimento. Em certa ocasião, a pesquisa do DIEESE informou que, no comércio, 61,6% dos empregados fizeram horas extras, na indústria foram 43,8% e, no setor de serviços, 43,9%.

O uso abusivo dessa modalidade de trabalho é responsável pela redução de três milhões de novos empregos. O número é assustador e preocupante.

Por outro lado, a redução da jornada de trabalho, na França, não foi implantada com muita facilidade. Como já salientado, houve resistência e o temor das empresas. O Governo criou-lhes incentivos.

As nossas empresas também estão com as mesmas preocupações. A jornada reduzida traria aumento dos custos, e prejudicaria a competitividade internacional.

Opinam outros que não haveria aumento de custos, já que a produtividade na indústria, com a chegada de novas tecnologias, cresceu nos últimos anos e essa produtividade, ao que se sabe, não foi repassada aos salários.

O certo é que a experiência francesa é válida, deu certo, reduziu o desemprego e deveria ser seguida tal qual como foi implantada.

Todavia, se precisamos da vaidade de uma solução tida como caseira, só nossa, vamos inserir ao lado da experiência francesa, exatamente juntas, a proibição do uso indiscriminado das horas extraordinárias. É uma solução diferenciada para mais, que criaria muito mais empregos e seria a nossa solução.

Deve ser proposta a idéia para se adotar, através de lei, nova jornada semanal de trabalho, sem nenhum medo de pensar grande, diminuindo-se de 44 para 40 horas semanais, com a proibição do uso abusivo de horas extraordinárias, criando-se o necessário incentivo à indústria, para que não perca a competitividade mundial.

Há que se lembrar, sempre, que o drama do desemprego é uma questão de ética. A ética no seu sentido mais amplo e também universal. A mesma ética que aglutina um conjunto de princípios e de valores aceitos, universalmente, e que nos dão o norte a seguir. A ética que nos orienta nas relações humanas, que nos recomenda solucionar esse sério problema do desemprego, agindo rápido, não nos omitindo.

Tal ética recomenda a atenção de todos para a situação desesperadora dos desempregados que sofrem, e sofrem muito. Muitos estão condenados a situações assemelhadas ao suplício da esmola mal dada, da miséria, da fome e das doenças. Vamos fazer a nossa parte e vamos lembrar aos outros que façam a parte deles.